

ENTREVISTA: CONCEIÇÃO EVARISTO

Constância Lima Duarte (UFMG)¹
<http://orcid.org/0000-0002-4020-8135>

Conceição Evaristo, escritora mineira radicada no Rio de Janeiro, considerada pela crítica o nome mais expressivo da literatura brasileira contemporânea, é a nossa entrevistada. Conhecida militante e ativista do movimento negro, sua obra reflete intensamente as discriminações de raça, classe e gênero sofridas pelas pessoas negras, em especial, as mulheres, ao mesmo tempo que recupera a ancestralidade da negritude brasileira. Mestre pela PUC-Rio, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade*, Conceição Evaristo é também doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, em que estuda a poesia de Nei Lopes, Edimilson de Almeida Pereira e Agostinho Neto.

A estreia literária ocorreu em 1990, na coletânea *Cadernos Negros*, importante publicação responsável por divulgar, desde 1978, a cultura e a produção escrita afro-brasileira. Autora de contos, poemas e romances – parte deles já traduzida para o inglês, francês, italiano, espanhol e árabe –, em poucos anos, tornou-se presença requisitada nos principais congressos e festas literárias, recebendo homenagens no país e no exterior e importantes prêmios, como o Jabuti, em 2015, e o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais, em 2018, pelo conjunto da obra. Até o momento, publicou *Ponciá Vicêncio* (romance, 2003), *Becos da memória* (romance, 2006); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos, 2011); *Olhos d'água* (contos, 2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos, 2016); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017); *Canção para ninar menino grande* (novela, 2017).

A entrevista foi uma conversa descontraída realizada pela internet, em 4 de maio de 2022, e depois transcrita por Ludmilla Lis A. de Lima. Após as perguntas e respostas, selecionei alguns poemas que podem ser lidos quase como “arte poética”, ou “profissão de fé”, por expressarem liricamente a sua “escrevivência” – conceito cunhado por ela que designa a articulação entre vida e escrita, tão presente na literatura afrodescendente.

Constância Lima Duarte – *A pergunta não é nova, mas como as respostas são sempre interessantes, vou fazer: quando foi que você sentiu o ímpeto, ou seja, quando descobriu que queria ser escritora?*

¹ Professora da Faculdade de Letras da UFMG, pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA e ao Centro de Estudos Literários e Culturais – CELC, desta instituição, além de coordenadora do grupo interinstitucional de pesquisa Mulheres em Letras.

Conceição Evaristo – Acho que eu não descobri que queria ser escritora. O que sempre me acompanhou foi esse desejo e esse prazer de escrever. Sempre escrevi, desde criança. Na minha adolescência, juventude, eu escrevi muito, mas não sabia no que iria dar. Eu não sabia que esse processo de escrita seria um processo que me levaria a ser escritora. Com certeza, venho assumindo esse papel de escritora à medida que o público me confere esse *status*, essa posição. Acho que é quem lê que confere esse *status* a quem escreve. Porque se você escreve e ninguém lê, ninguém se sente seduzido, ninguém se sente convocado, acho um pouco presunçoso a pessoa se autodesignar como escritora. Se o texto não toca...não está ali... Então, o meu desejo e prazer sempre foi o de escrever.

CLD – *Na condição de escritora moderna, que conjuga entre suas atividades a criação e a crítica, linguagem, metalinguagem – porque você faz prefácio, faz resenha –, você fala de outros livros: como você vê a crítica literária contemporânea?*

CE – Eu não costumo acompanhar uma crítica especializada...até porque acho que hoje têm poucos críticos literários que se denominam dessa forma. Eu tenho acompanhado uma crítica, que se pode chamar também de crítica especializada, porque é elaborada, é feita pelos pesquisadores. Na maioria das vezes, é uma crítica em que as pesquisadoras, os pesquisadores não aparecem nomeados como críticos literários. É uma crítica literária que está muito mais alocada nos cursos de Letras. Esses cursos promovem uma crítica literária. E o que acontece? Me parece que uma crítica literária contemporânea é uma crítica também produzida por investigadores que têm também um contato muito direto com os escritores, o que promove um diálogo intenso entre quem está produzindo a crítica e quem está escrevendo. E o que vem proporcionando essa relação é justamente a pesquisa acadêmica pelo fato de nós, escritores, estarmos indo para os cursos de Letras, dialogando com os pesquisadores... Hoje, isso é muito fácil também...através da internet... Essa proximidade, esse diálogo intenso entre quem está produzindo a crítica literária – principalmente, ou notadamente, no campo acadêmico – e quem está produzindo o texto literário muda um pouco, ou muda muito, a feição da crítica. Ter a oportunidade de escrever e encontrar com quem produziu o texto literário, ouvir essa pessoa, isso, sem sombra de dúvida, vai influenciar o que se escreve sobre esse texto.

CLD – *A crítica hoje, ela se faz principalmente nas universidades – nas teses, dissertações, monografias. É essa a nova crítica. São poucos os periódicos, os jornais, que têm resenha. A revista Piauí tem aquele ensaio crítico, mas o que está predominando é essa leitura interessada, uma crítica interessada. Gosta da escritora, do escritor, e faz uma leitura da obra, de alguma obra, é por aí! Concordo.*

CE – Que bom!

CLD – *Muita gente costuma colocar ainda hoje um divisor entre escrita feminina e escrita masculina. Como você vê a questão da literatura feita por mulheres?*

CE – Eu fico pensando que, ao mesmo tempo, Constância, é um pouco difícil a gente perceber as nuances entre uma escrita masculina e uma escrita feminina. Acho que é preciso muita atenção, mas, muita atenção mesmo para não se confundir, né? Acho que há um texto de autoria de homens que pode ser um texto tão sensível quanto um texto de autoria mulher circulando pelo terreno do feminino. Eu acho que é possível encontrar esse texto sem ser exclusivamente de autoria de mulher. Mas, também é possível, muito possível, perceber uma escrita de mulheres, por meio do lugar experimentado pelas mulheres e que acaba por formar e informar o texto. Se esse lugar experimentado pelas mulheres, no mesmo caso da escrita negra, se ele vaza na literatura, há alguma coisa de diferente. Falando com você agora, e do filme *Narradores de Javé*². O filme é muito interessante, porque várias pessoas reivindicam o direito de contar a história de Javé, considerando o enredo apresentado por ela, como o verdadeiro. O que se observa é que o narrador, enquanto homem, conta, fala da batalha que os ancestrais, aqueles que originaram a cidade, empreenderam. Ele fala da batalha. Quando é uma mulher que vai contar, também reivindicando as ancestrais dela como fundadoras de Javé, a narradora fala dos mortos pelo caminho, entende? Então, acho que por mais que a questão ainda perdure – se há um texto de autoria feminina, se há um texto de autoria masculina – penso que, mesmo que seja numa nuance, que muitas vezes, se você não tiver atenção, pode ser até imperceptível, essa diferença existe. Para mim, há outra questão: não é só o texto em si, é como esse texto é lido. O olhar de quem lê o texto também confere ao texto certo lugar. Talvez os homens tenham lido o texto das mulheres, até hoje, ou talvez uma autoria branca leia o texto de uma autoria negra até hoje, conferindo um lugar que ele idealizou, e não o lugar que realmente é. Ele não percebe as diferenças, os sinais que o texto apresenta. Porque cada pessoa que lê também leva para o seu texto a sua experiência. Então, talvez nós, mulheres, leiamos o texto de outra mulher e percebamos muito da condição, da experiência humana de uma mulher. E talvez os homens não. Ou talvez, determinadas mulheres também não. Então, por isso que essa questão ainda perdura. E o que também chama atenção é que normalmente quando se pergunta: “Há uma literatura feminina?” ou “Há uma literatura escrita por mulheres?”, essa pergunta, às vezes, é capciosa, porque é uma pergunta que já entra negando, não é? Não é uma pergunta de quem quer investigar. É uma pergunta que já parte do pressuposto de que não há.

² Referência ao filme homônimo dirigido por Eliane Caffé. Riofilme, 2003.

CLD – *Tem toda razão, concordo muito com você. Cansei daquela coisa que ouvia na faculdade que literatura não tem sexo, não tem raça e não tem classe. Paira no ar essa falta de vínculo, quer dizer, a literatura tá lá, mas quem escreve é que está aqui, não é?*

CE – E acho que tem mais uma coisa, Constância: ela paira no ar, mas não paira tanto, porque paira num ar que já foi definido por aquele que é o modelo, o homem branco, é ele o escritor. Se ela se encaixar mais ou menos no modelo já pré-estabelecido, no modelo experimentado, no modelo consagrado pelos homens, então, se aceita que essa mulher escreva.

CLD – *Tem razão. Tem toda razão, concordo muito! E você escapa disso. Dentre os traços mais evidentes da sua literatura, gosto de destacar a denúncia do racismo e do machismo, e, principalmente o protagonismo de pessoas das classes subalternizadas. O que acrescentaria ainda a esses elementos?*

CE – Eu acrescentaria que esse texto, sem sombra de dúvida, está sedimentado por um aspecto que normalmente levantam no texto e que conscientemente elaboro. Eu quero levar uma mulher negra para o centro da cena, quero levar um homem negro, eu quero apresentar a voz dos subalternizados, que é a minha voz. Alguém há pouco tempo me disse: “Você dá voz aos subalternizados” ou “Você dá voz às mulheres negras”. Eu não dou voz nem aos subalternizados, nem às mulheres negras. Eu falo como tal. Essa é a minha voz. A voz de mulher subalternizada é a minha voz de mulher negra. Então, eu não dou voz. Eu falo com essas pessoas. Mas há um aspecto também que trago, que elaboro no texto e que as personagens trazem: se trata da solidão humana. É uma composição para o personagem e que me seduz muito também. Trazer os personagens com a sua solidão, com as suas indagações diante da vida. *Ponciá* é um texto que seduz homens brancos, mulheres brancas, negras, gays, jovens, velhos... Porque *Ponciá* é uma personagem extremamente só. Extremamente só. Há uma diversidade muito grande de pessoas que leem esse texto, e em algum momento a pessoa se encontra no texto. A solidão de *Ponciá* nos incomoda. Como outros personagens também... *Ana Davenga* é um conto que gosto muito. *Davenga* é um marginal, mas, é um homem extremamente só. Vem aí outro livro: *Canção para ninar menino grande*. Ali, vários personagens experimentam essa solidão. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, todas, todas. Acho que, nesse aspecto, o sentimento de solidão está muito presente nesses textos. Compor uma personagem negra, para além dos lugares comuns elaborados para ela – a pobreza, a subalternidade – é um grande desejo de minha escrita. Trazer personagens, com as suas experiências humanas, de dúvidas existenciais, sentimentos que qualquer pessoa pode ter, independentemente da cor da pele, de ser rico, de ser pobre, de ser homem, de ser mulher, de ser hétero, de ser homo.... Personagens que, experimentando essa condição, possam convocar quem lê.

CLD – *Perfeito, perfeito! Acho que você disse tudo. Ponciá tem esse poder de falar no inconsciente, de se comunicar, de provocar o leitor, a leitora, seja ele ou ela quem for. Provoca no sentido de que bate fundo.*

CE – Bate.

CLD – *Eu o reli outro dia numa sentada... E senti isso, como se a gente mergulhasse para dentro de nossa humanidade...*

CE – Aliás, eu não esqueço que você foi quem indicou *Ponciá Vicêncio* para o vestibular da UFMG!

CLD – *Sim, indiquei e fez grande sucesso entre os estudantes e professores. Aproveito para perguntar: além de Carolina Maria de Jesus, com quem você já declarou ter uma dívida, quem foram os autores que mais a marcaram?*

CE – Olha, é engraçado porque na minha juventude, se teve um autor que me marcou muito foi Jorge Amado. Eu li tudo de Jorge Amado publicado na época. Jorge Amado, na época dele, bem comunista. Tanto é que quando escrevi *Ponciá Vicêncio*, Nêgua Kainda era um personagem masculino. De repente, eu falei: “Tá parecendo Jubiabá!”. Aí eu falei: “Não, tem de ser uma personagem feminina”. Não tenho nenhuma dificuldade de dizer que a literatura de Jorge Amado me influenciou muito. Claro que hoje leio Jorge Amado com outros olhos.

CLD – *Érico Veríssimo não? Eu li tudo de Érico Veríssimo!*

CE – Eu li algumas coisas de Érico Veríssimo, não li “tudo” de Érico Veríssimo. Escritor mineiro que acho que também me influenciou e que eu li muito foi Otto Lara Resende. Eu me lembro de quando eu li, acho que é *O retrato na gaveta*, e fiquei, muito impressionada, muito impressionada. Outro que acho que era mais na linha da sociologia, foi Josué Montello. Foram autores que eu li muito. Não me lembro de nenhuma escrita – eu digo no meu processo ainda bem de formação de leitora na minha juventude – não me lembro de ter lido literatura produzida por mulheres naquela época. Vou encontrar literatura produzida por mulheres já quando estava no curso de Letras. Tem um texto que acho que me influenciou muito e até hoje, quando falo, me vem um nó na garganta, e eu só encontrei uma crítica literária, que ao falar de *Ponciá*, fala desse texto, que é Autran Dourado, com...

CLD – *Uma vida em segredo?*

CE – *Uma vida em segredo.*

CLD – *A protagonista era Biela!*

CE – Biela... Biela... Acho que foi até o Uelinton Farias que, quando leu *Ponciá*, lembrou de Biela, porque Biela é uma personagem também tremendamente só. Acho que pode ter uma influência sim. E só mais tarde eu vou descobrir os escritores negros. Aí, quando eu descubro os escritores negros, é que eu vejo um diálogo fecundo. E eu diria, por exemplo, que me encontro muito com o texto de Geni Guimarães. Tanto é que temos um projeto de escrever um livro juntas. Tem ainda as escritoras estrangeiras: Toni Morrison! Meu sonho na vida era ter conhecido Toni Morrison; Maya Angelou também me marca muito com *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*. Das escritoras africanas de língua portuguesa, apesar de a gente partir de uma composição diferente de texto, gosto muito de Paulina Chiziane, e já fico dando dica para pesquisadores, para lerem *Niketche* e *Canção para ninar menino grande*, acho que dá uma bela tese. Então, já estou dando a dica.

CLD – *Conceição Evaristo, quem a conhece sabe que você tem sempre projetos em andamento e que a criatividade continua brotando a cada dia que passa. Você poderia falar sobre os novos planos?*

CE – São tantos, Constância, que eu fico pedindo à vida mais milhões de anos viva. Primeiro, continuar *Flores de Mulungu*, que é um romance já começado. Acho que já tem mais de cinco anos que comecei. Não tem?

CLD – *Deve ter.*

CE – Isso, eu quero acabar. Segundo, é escrever um livro de contos. A minha ideia é fazer uma trilogia. O primeiro é *Insubmissas* lágrimas de mulheres, que já está aí. Já comecei a escrever o segundo, *O silencioso pranto dos homens*, trazendo histórias de homens. E pensei no terceiro, para formar justamente essa trilogia, eu traria histórias de crianças, de adolescentes, narrando as suas histórias, penso em fazer essa trilogia. Penso também, já comecei, porque sou danada para começar e deixar as coisas de molho, um livro de poemas, para o qual vou usar um termo, mas que eu não gostaria de usar esse termo, mas não tenho outro, que seria *Poemas eróticos*, tá? Já comecei também, já tem uns quinze poemas escritos.

CLD – *Que maravilha!*

CE – E acho que seria assim, seria bem interessante, bem curioso, uma mulher com mais de setenta anos lançar um livro de poemas eróticos.

CLD – *Acho ótimo! Maria Teresa Horta está publicando poemas eróticos e tem oitenta e poucos anos. Com certeza, isso é ótimo!*

CE – Então, eu quero muito, muito, escrever poesia erótica, ou um conto erótico. Eu gosto muito de trabalhar com essa linguagem insinuada, é um exercício muito interessante, eu já comecei esse livro. Outro dia, andando com a Ainá [a filha], no dia do aniversário dela, a gente foi visitar vários lugares, o que eu tenho chamado de “geografia afetiva”. E algumas pessoas também já me pediram: “Ah, escreve a sua vida com a Ainá, e coisa e tal. Estou com o texto na cabeça, já tenho até o nome do livro que é *Dias de andar lembranças*. Eu quero também escrever, né?, esse nascimento.

CLD – *São muitos projetos!*

CE – Muitos...muitos... Não contando o poema, sim, há ainda o rap que eu comecei há tempos também, e até o Emicida já está interessado em ver esse rap. Tenho pensado muito também num livro de crônicas para contar vários acontecimentos de viagem, essas viagens aí pelo mundo afora. E contar muito os acontecimentos, muitas coisas que a gente tem observado, acho que é isso. E a própria “Casa Escrevivência”, né, que eu penso em criar.

CLD – *A reedição que está no prelo é o Canção para ninar menino grande?*

CE – É o *Canção*, que será relançado pela Pallas. Outro dia o Vagner Amaro, da Editora Malê, estava perguntando porque a gente não faz a reedição dos livros que a Malê já publicou, que são *Poemas da recordação e outros movimentos*, *Histórias de leves enganos e parecenças* e *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Também tenho quatro contos inéditos em termos de antologia, estou pensando em reunir esses contos, escrever mais e fazer um segundo livro de contos. Ah, sim! E agora também eu estou publicando com a Editora Planeta. Estou escrevendo algumas coisas da minha memória com a minha mãe e enxertando nesse texto alguns textos que minha mãe escreveu. E o livro está aí também, tenho que entregar ainda neste semestre.

CLD – *Pelo visto, a pandemia foi bem produtiva e criativa para você! Fico muito feliz em saber. Para muita gente, foram momentos difíceis, e teve sorte quem conseguiu produzir apesar de tudo.*

CE – Eu acho que no final, acho que esse processo de acúmulo de tristezas, de medo, de insegurança, de ausência, estar com as pessoas, as pessoas estarem comigo, a agonia da minha mãe, isso tudo também está desaguando numa escrita, mesmo que não seja uma escrita desses temas em si, mas são escritas atravessadas por essa condição.

CLD – *Exatamente. E você, Conceição, eu lembro que, antes da pandemia, você vivia cheia de compromissos, e estava sempre viajando pelo país e também pela Europa e a África. Eram muitos os convites e as homenagens que você recebia, e, de repente, a pandemia parou com tudo, de uma vez. Isso também aconteceu com muita gente, mas estou falando de você, que eu conheço e acompanho de perto.*

CE – Você às vezes me perguntava se eu tinha rodinhas nos pés, né?

CLD – *Sim, pois devia ter não só rodinhas como asinhas no pé! Querida escritora, obrigada por esta conversa tão elucidativa e agradável.*